

MASSACRE NO ARAGUAIA

Aumenta para 17 o número de vítimas dos caiapós

CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA (O GLOBO) — Os índios gorotire, da nação caiapó, mataram 17 pessoas, segunda-feira, na Fazenda Espedilha, no sul do Pará, e não 12 como a Funai noticiou inicialmente. Os mortos são 11 homens, três mulheres e três crianças.

Os 17 corpos ainda estão na fazenda, à espera de médicos legistas e agentes da Polícia Federal, que deveriam chegar ao local até a tarde de ontem.

O clima continua tenso em toda a região, embora os índios — não mais pintados para a guerra — já estejam reunidos na aldeia.

O titular da 2ª Delegacia Regional da Funai, com sede em Belém, Paulo César de Abreu, está na aldeia acompanhado por cinco agentes da Polícia Federal, todos armados de metralhadora para proteger os índios de uma possível vingança dos fazendeiros. Estão lá também dois diretores da Funai — capitão Jurandir da Costa Fonseca, do Departamento Geral de Operações (DGO), e o coronel Kepler, da Assessoria de Segurança e Informação (AFI) — e o antropólogo Alceu Cotia.

Os fazendeiros acreditam que os índios ainda estão percorrendo as fazendas que ficam na área indígena e, por isso, o delegado Paulo César Abreu partiu a pé, ontem à tarde, da aldeia em direção à Fazenda Espedilha, para prestar os esclarecimentos necessários.

Embora os índios já estejam na aldeia, Paulo César de Abreu não permitiu ontem que ninguém se comunicasse com eles, alegando que "este não é o momento propício".

— Os índios — disse — não pretendiam matar ninguém. Tanto que, na noite de segunda-feira, após o massacre, chegaram à aldeia e choraram muito. Depois dançaram seu ritual e, agora, estão fe-

SANDRA CARVALHO
Enviada especial do GLOBO

chados na casa do guerreiro, onde permanecerão por oito dias, para esquecerem o crime. Hoje (ontem) eles foram ao rio e tomaram banho para tirar a tinta do corpo. Os homens não entram em suas casas, enquanto não completarem os oito dias de isolamento.

ESPINGARDA

Segundo Paulo César de Abreu, o conflito — que é antigo — agravou-se há dois meses, quando a Funai pediu que os fazendeiros parassem com o desmatamento, e não foi atendida. Nessa mesma época, ele enviou uma carta à Funai pedindo que fosse acelerada a demarcação da área.

— A Funai e o Ministério do Interior sabem da necessidade de mais recursos para a solução dos problemas aqui da área. A Funai não tem elementos para a demarcação e é difícil encontrar uma firma idônea para esse trabalho — disse Abreu.

Na sexta-feira, dia 29, os índios ficaram sabendo que chegariam 1.800 homens para o desmatamento de uma grande área. Na segunda-feira, dia 1º, eles foram à Fazenda Espedilha, para conversar com os brancos e pedir-lhes que não deixasse entrar homens para este trabalho em área indígena. Paulo César Abreu disse que, de acordo com depoimento dos índios que participaram do massacre, a receptividade dos brancos não foi boa.

Enquanto os gorotire conversavam com o capataz Jones, ele mexia numa espingarda e teria dito que a resposta aos silvícolas seria dada com "a ponta da arma". Ele teria afirmado ainda que os documentos apresentados pela Funai não garantiam a terra aos índios.

CANIVETE

Os índios estavam divididos em grupos e este diálogo aconteceu na casa da sede da fazenda; outro grupo estava mais distante.

— Depois de algum tempo, os gorotire conseguiram tomar a arma do capataz — contou Abreu. — Nesse momento, eles já

estavam nervosos e disseram que, para que o capataz se acalmasse, cortariam seu cabelo. Quando começaram a cortar, chegou a cozinheira da casa e deu um golpe de canivete na barriga do índio Ireo. Em seguida, o índio Mecucicá levou uma forte paulada na cabeça. Revoltados com as agressões por parte dos brancos, os índios que estavam na casa pediram socorro aos que estavam mais distantes, e saíram matando todos que encontraram pela frente.

TRISTEZA

Canhoco disse ontem que não queria matar ninguém:

— O índio só quer conversar, não quer matar ninguém, mas o branco agrediu o índio, furou um com faca e deu paulada em outro. Se ele não tivesse feito isso, ninguém teria morrido. Nós ficamos muito tristes com tudo isso. Todos nós estamos tristes com essas mortes, porque não era isso que queríamos fazer. Ninguém foi com vontade de matar, mas com vontade de conversar, e pedir que não desmatassem a área que é nossa. Não queremos que entrem mais brancos em nossas terras e ponham fogo em nossas matas.

Enquanto os fazendeiros estão pedindo segurança à Polícia Federal, temendo um novo ataque, os índios temem uma represália. Ontem, por volta das 14 horas, alguns índios chamaram o delegado Paulo César de Abreu e disseram que haviam escutado passos e barulho de brancos próximo à aldeia. Nesse momento, saíram quatro índios, armados de espingarda e arco e flecha para percorrer a mata.

O clima é de tensão em toda a área. O conflito pode repetir-se com os índios xicrin, sub-grupo caiapó, da aldeia Catete. Paulo César de Abreu informou que na quinta-feira, dia 28, os xicrin prenderam oito fazendeiros da Fazenda Grã-Reata e, somente quando ele chegou à aldeia e conversou com os índios, é que conseguiu a liberação de todos.

Paulo César de Abreu, disse que o presidente da Funai, coronel João Carlos Nobre da Veiga, ainda não tinha tomado conhecimento dos conflitos, uma vez que ele está no Paraná, inspecionando uma área indígena.



Agentes da Polícia Federal, armados de metralhadoras, protegem os índios da aldeia gorotire de uma vingança dos fazendeiros. Embora não estejam mais pintados para a guerra, os caiapós (à esquerda) continuam tensos

A Igreja Seicho No-He do Brasil, regional do Rio de Janeiro, fará realizar a cerimônia cívico-religiosa de "Oração Pelo Progresso do Brasil e pela Paz Mundial", em homenagem à Semana da Pátria, no dia 6 de setembro de 1980, às 9 horas da manhã no Aterro do Flamengo, entre a Rua Silveira Martins e Corrêa Dutra. Pelo alto significado desse ato, a Diretoria convida o povo em geral.

Andreazza: demarcação só terminará em 1984

BRASILIA (O GLOBO) — O ministro do Interior, Mário Andreazza, disse ontem que, para se acabar de vez com os choques entre índios e brancos, as áreas indígenas serão delimitadas o mais rápido possível, não havendo condição porém de o trabalho estar concluído antes de 1984. Explicou que o critério a ser utilizado levará em conta a "posse memorial" do índio, observando-se a Constituição e o Estatuto do Índio.

Após informar que a Polícia Federal apurará as causas do choque entre os caiapós e posseiros, no sul do Pará, Andreazza comentou que o fato surpreendeu a todos, pois a delimitação das terras daqueles índios já estava sendo estudada. Como uma das causas dos choques entre índios e brancos, ele apontou a expansão das fronteiras agrícolas.

APURAÇÃO

Após ressaltar que a política do seu Ministério continua sendo a de defender ao máximo as populações indígenas, Andreazza voltou a se referir ao massacre dos Caiapós:



Ministro Mário Andreazza

— Haveremos de apurar os acontecimentos, a fim de que todas as medidas legais sejam tomadas. Ainda não podemos formar um juízo sobre a questão, mas repudiamos todo e qualquer tipo de violência. O fato nos surpreendeu porque não existia na área nenhum clima de tensão, uma vez que a Funai vinha estudando as reivindicações indígenas.